

# **INSTITUTO TEOLÓGICO BETEL DO ABCD**

Rua Laureano nº.877 – Utinga- Camilópolis- Santo André – SP

Entidade Mantenedora: I.E.A.D.U. – C.N.P.J.: 43.342.617/0001 – 06

C.E.P. : 09320 – 610

Fone/fax: (0\*\*11)4461.1396/4461.3041

E-mail:www.ieadusa.com.br

01

# **HISTÓRIA**

# **DA**

# **IGREJA**

“...Ao único soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores”;  
o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível,  
a quem homem algum jamais viu, nem capaz de ver.

E Ele honra e poder eterno.Amém”.

I Timóteo 6:16

**RUBENS DA COSTA CARREIRA**  
**PASTOR**

## CAPÍTULO I

### A PREPARAÇÃO PARA O CRISTIANISMO

Uma das coisas que tornam o estudo da **História da Igreja Cristã** uma inspiração é que esse estudo nos convence de que Deus está, realmente, operando a salvação do gênero humano no mundo em que vivemos. Em parte alguma verificamos esta operação divina mais claramente do que na maneira extraordinária e maravilhosa como foi o **mundo antigo preparado para a vinda de Jesus Cristo**. Ele veio na **plenitude dos tempos**, quando todas as coisas tinham sido dispostas de tal modo, pela mão do Pai, que a vinda do Filho obteve pleno êxito. Podemos compreender melhor esta preparação do mundo para o advento do Cristianismo, considerando, primeiramente, a contribuição de três grandes povos. Cada um, no seu tempo, pela providência divina, criou as condições da sociedade em que o Cristianismo apareceu realizando as suas primeiras conquistas.

#### I. A CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS

##### Os Romanos ( o domínio mundial de Roma )

Quando o Cristianismo surgiu, e durante os primeiros séculos de sua existência, os romanos eram senhores do mundo. Assim o consideramos, não obstante haver muitíssimas regiões fora de seu domínio, porque à parte de que governaram foi aquela onde a civilização do mundo estava realizando os seus notáveis progressos. Os habitantes desse império o consideravam abrangendo o mundo, pois ignoravam o que existia além das suas fronteiras. Além disso, o mundo romano incluía todas as terras que seriam alcançadas pelo Cristianismo durante os três primeiros séculos de era cristã. Lá pelos anos de 50 d.c., o império abrangia a Europa ao sul do Reno e do Danúbio, a maior parte da Inglaterra, o Egito e toda a costa norte da África, com grande parte da Ásia, desde o Mediterrâneo à Mesopotâmia.

Não era somente pela força que os romanos dominavam todas essas regiões; eles os governavam uma civilização incomparavelmente superior à anteriormente existente naquelas terras. O poder desse império foi o maior acentuado, e sua administração mais eficiente nas terras adjacentes ao Mediterrâneo, exatamente onde o Cristianismo foi primeiramente implantado.

Com o seu império, os romanos os mais úteis instrumentos de Deus no preparo do mundo para o advento do Cristianismo (os povos unificados). Esse império, que incluía grande parte do gênero humano, foi uma lição objetiva que provava ser a humanidade uma só. Pôr muitas eras, governos separados formaram grupamentos humanos que se sentiam diferentes e isolados de todos os outros grupos; mas, com o império romano, os povos se unificaram, no sentido em que todos os governos tinham sido derrubados e um poder único dominava em toda parte. O Cristianismo é uma religião de caráter universal, não conhecendo distinções de raça, apelando para os homens simplesmente como homens, tornando todo UM em Cristo. Para tal religião, a preparação mais valiosa foi à unificação de todos os povos sob o poder político de Roma.

Além disso, o poder de Roma trouxe uma paz universal, a **PAZ ROMANA** (paz universal). As guerras entre as nações tornaram-se quase impossível sob a égide desse poderoso império. Esta paz entre os povos favoreceu extraordinariamente a disseminação, entre as nações, da religião que pretendia um domínio espiritual universal.

Finalmente, a administração romana, sábia forte e vigilante, tornou fáceis e seguras as viagens e comunicações entre diferentes partes do mundo. Os piratas, que estorvavam a navegação, foram varridos dos mares. Pôr terra, as esplêndidas estradas romanas davam acesso a todas as partes do império. Essas estradas notáveis realizaram naquela civilização o mesmo papel das nossas estradas de rodagem e estradas de ferro da atualidade. E tão policiadas eram essas vias de comunicação, que os ladrões desistiram dos seus assaltos. De modo que as viagens e o intercâmbio comercial tiveram extraordinário incremento.

É provável que, durante os primeiros tempos do Cristianismo, o povo se locomovia de uma cidade para outra ou de um país para o outro, muito mais do que em qualquer outra época, exceto depois da Idade Média. Os que sabem como as atuais facilidades de transporte têm auxiliado o trabalho missionário, podem compreender o que significava esse estado de coisa para a implantação do Cristianismo. Teria sido impossível ao apóstolo Paulo realizar sua carreira missionária sem essa liberdade e facilidade de trânsito possibilitadas pelo império romano. Contribuíram muitíssimo para o progresso do Cristianismo nos seus primeiros anos, as portas abertas que encontrou através de todo mundo civilizado, as quais facilitaram o livre intercâmbio entre os países onde novas idéias deveriam ser pregadas e encorajaram os movimentos dos primeiros missionários.

#### **b. Os gregos** (sua grande influência)

Ao surgir o Cristianismo, os povos que habitavam as regiões do Mediterrâneo tinham sido profundamente influenciados pelo espírito do povo grego. Colônias gregas, algumas das quais com centenas de anos, foram amplamente disseminadas ao longo das costas de todo o Mediterrâneo.

Com seu comércio, os gregos foram a todas as partes. A sua influência espalhou-se e foi mais acentuada nas cidades e países que se constituíam nos mais importantes centros do mundo de então. Tão poderosa foi a influência dos gregos que denominados de grego – romano a este mundo antigo, porque Roma governava politicamente, mas a mentalidade dos povos desse império tinha sido moldada fundamentalmente pelos gregos. Por muitos séculos antes da era cristã os gregos forma detentores da visa intelectual mais vigorosa, mais desenvolvida do mundo. Problemas sobre os quais os homens cogitavam: a origem e significado do mundo, a existência de Deus e do homem, o bem e o mal, enfim tudo quanto se relacionava com as pesquisas filosóficas foi objeto de meditação dos gregos como de nenhum outro povo.

É verdade que os hebreus tinham recebido uma revelação de Deus e sua vontade, que os gregos jamais possuíram, mas os judeus não eram dados às pesquisas, às indagações, nem se interessavam pela discussão dessas questões, como o fizeram os gregos.

Do sexto ao terceiro século antes de Cristo, um grande movimento intelectual sobre assuntos filosóficos e teológicos ocorreu entre os gregos, movimento no qual pontificaram os mais profundos e influentes pensadores do mundo, ensinando muita coisa de valor que ainda hoje perdura. Como consequência disto, verificou-se um desenvolvimento maravilhoso da mentalidade do povo grego que aprendeu a pensar muito e profundamente nas questões debatidas pelos seus filósofos. O raciocínio e a curiosidade dessa gente desenvolveram-se ao máximo. Como exemplo dessa influência, temos Sócrates aparecendo nas praças públicas de Atenas, a fazer perguntas e a debater assuntos e idéias que obrigavam os homens a meditar em problemas que jamais tinham entrado em suas cogitações. Isso resultou em que o grego típico tornou-se um homem vivaz, inquiridor, polemista, ansioso por falar em assuntos profundos e coisas que se relacionavam com o céu e a terra.

É fácil compreender o resultado do contato do grego com outros povos (os gregos levam os povos a pensar).

A sua influência estende-se por toda parte, aprofundando o pensamento dos homens nessas idéias e pesquisas que se relacionavam com grandes problemas da vida. Esse tipo de curiosidade intelectual e esta prontidão de raciocínio prevalecia nos centros principais do mundo grego-romano, lugares esses que depois foram alcançados pelos primeiros missionários com a pregação do Cristianismo. Assim, os povos desses lugares estavam mais dispostos a receber a nova religião do que estariam se não fosse a influência dos gregos.

Os gregos fizeram outra contribuição importante ao preparo do mundo para o advento do Cristianismo, disseminando a língua (língua Universal) em que este seria pregado ao gênero humano pela primeira vez.

Uma prova da extensão da influência do grego vê-se no fato de que a língua mais falada nos países situados às margens do Mediterrâneo era o dialeto grego conhecido como KOINÉ ou dialeto “comum”.

Era esta língua universal do mundo grego – romano usado para todos os fins no intercâmbio popular. Quem quer que o falasse seria entendido em toda a parte, especialmente nos grandes centros onde o Cristianismo foi primeiramente implantado.

Os primeiros missionários, como por exemplo, Paulo, fizeram quase todas as suas pregações nesta língua e nela foram escritos os livros que vieram a constituir o nosso Novo Testamento. De modo que a religião universal encontrou, para sua propaganda e conhecimento, entre os homens, uma língua universal; e esse auxílio inestimável foi, por Deus, providenciado por intermédio do povo grego.

### **c. Os Judeus**

Os hebreus os judeus, constituíram o povo divinamente indicado para mordomos da verdadeira religião. A missão deles foi receber de Deus uma revelação em especial a respeito do próprio Deus e de sua vontade, assenhorar-se desse ensino divino, à proporção que iam recebendo numa revelação progressiva, preservar tais ensinamentos na sua

pureza e integridade, de modo que, na “plenitude dos tempos”, eles, os judeus, se constituíssem numa bênção para todos os povos. Não podemos entender a grandeza da vida nacional desse povo sem que reconheçamos a sua história como uma preparação divina do mundo para o aparecimento da religião pela qual Deus se propusera salvar o gênero humano.

Os judeus, como se tem dito com muito acerto, prepararam o “Berço do Cristianismo”, fizeram os preparativos para o seu nascimento e o alimentaram na sua primeira infância. Prepararam antecipadamente a vida religiosa em que foram instruídos, o Senhor Jesus mesmo e todos os cristãos primitivos, inclusive os apóstolos e os primeiros missionários.

Em parte alguma do mundo, ao surgir o Cristianismo, havia uma vida religiosa tão pura e tão forte como a existente entre os melhores representantes da religião judaica, cujos característicos essenciais eram dois: a mais alta concepção conhecida entre os homens, como resultado do ensino do Velho Testamento; e o mais alto ideal da vida moral que se conhecia, resultante dessa sublime concepção de Deus.

Humanamente falando não podemos ver a vida e os ensinamentos de Jesus pudessem ter procedido da vida religiosa de qualquer outro povo a não ser os judeus. Não podemos ver como outro povo, a não ser o judeu, podia se dispor a receber no seu início, a religião que Cristo trouxe, e estendê-la a toda a parte. Preparados naquela religião mais antiga (o judaísmo), religião que era tão intimamente apresentada com o Cristianismo, os judeus foram necessários para estenderem e pregarem a nova religião. Para quem conhece bem a vida dos gregos e romanos é fácil sentir a impossibilidade de arrebanhar entre eles, homens que fossem para o Cristianismo o que vieram a ser os primeiros discípulos, um Paulo e os apóstolos.

Em segundo lugar, os judeus prepararam o caminho do Cristianismo porque se constituíram numa raça que aguardava o que o Cristianismo oferecia: um Salvador divino. A esperança de um Messias era acariciada por todos os judeus como a mais preciosa das suas possessões. É verdade que muitos alimentavam tal esperança com uma concepção grosseira, materialista.

Mas em todas as concepções havia um elemento essencial: a ardente expectativa de um enviado de Deus para redimir o seu povo. Jamais houve entre os demais povos uma esperança ou perspectiva do futuro comparável à esperança messiânica dos judeus.

O que havia, realmente, no mundo romano era uma forte dose de desespero, de cansaço, de desilusão. O cristianismo encontrou todos os seus primeiros seguidores entre os judeus, e o elemento que os habitou receberem a nova religião, foi a esperança de um Salvador divino.

Em terceiro lugar, os livros Sagrados dos judeus foram um auxílio inestimável. O nosso Velho Testamento foi eles entesourados como um relato de manifestação do próprio Deus na sua vida nacional.

Assim, a nova religião foi suprida, no seu nascimento, por uma literatura religiosa que ultrapassou, infinitamente, qualquer outra desse gênero então existente, e que confirmou os ensinamentos cristãos, prenunciando Cristo pelas profecias. O Cristianismo, antes de produzir seus próprios livros, encontrou, prontos para o seu uso, os antigos manuscritos que lhe foram do maior auxílio.

Jesus fez uso constante do Velho Testamento para nutrir a sua própria vida e basear os seus ensinamentos, e, consoante seu exemplo, as escrituras judaicas eram lidas regularmente nas reuniões de culto dos primitivos cristãos. Todos os cristãos, judeus ou não, retiraram delas instrução e inspiração incalculáveis.

Nota-se também que o Velho Testamento era conhecido de numerosos gentios que tinham sido atraídos para a religião judaica, como a mais pura que podiam encontrar, e, assim, esta religião se tornou um meio pelo qual muito desses homens vieram a Jesus.

Julgamos também ser necessário dizer algo sobre a importante contribuição que os elementos judaicos da Dispersão (=Díaspóra) (sua importância) fizeram à preparação para o Cristianismo. Trata-se dos Judeus que foram espalhados em virtude dos cativos que sofreram. Esses judeus podiam ser encontrados em quase todas as cidades do antigo mundo greco-romano. Em qualquer parte onde tivessem, conservavam a sua religião e mantinham as suas sinagogas.

Em muitos lugares realizavam trabalho missionário ativo. Assim, ganharam entre os gentios numerosos prosélitos e tornaram conhecidos os ensinamentos da sua religião a muitos outros que, embora só em parte, os aceitaram. Esta missão judaica foi uma precursora muito útil das missões cristãs, porque espalhou, extensivamente, entre os gentios, certos elementos religiosos básicos que são essenciais tanto ao Cristianismo como ao judaísmo. Um desses elementos era a crença monoteísta, a crença em um Deus. Outro foi uma lei moral elevada que tanto o judaísmo como o Cristianismo ensinavam ser parte integrante da religião.

Nisto ambas se diferenciavam das religiões pagãs que nada ensinavam sobre a conduta humana.

Um terceiro elemento foi à esperança de um Salvador. Muitos gentios, pelo contato com os judeus, tinham sido inspirados por essa expectativa, preparando-se, desse modo, para a aceitação de Cristo como aquele Salvador que havia de vir.

## **II O MUNDO AO SURTIR O CRISTIANISMO**

### **(a) As condições Religiosas (declínio da velha religião clássica)**

A velha religião dos deuses e das deusas da Grécia e de Roma, que conhecemos através da História da Mitologia Clássica, tinha perdido quase toda vitalidade e influência ao tempo do advento do Cristianismo. Não obstante as formas de o seu culto serem, então, de certo modo, ainda conservadas, os homens cultos geralmente não mostravam crença nessa religião; nem mesmo entre o povo comum exercia ela muita influência. O Imperador Augusto que reinava ao tempo em que Cristo nasceu, muito se preocupou com esse declínio da velha e tradicional religião, e enviou esforços extraordinários para reavivá-la, sendo quase tudo em vão.

Todavia, não se pode afirmar que esta época se caracterizava pela irreligiosidade. Augusto também estabeleceu a religião do Estado. Conforme o seu desenvolvimento posterior, veio ela a se constituir na veneração de imagens e estátuas dos imperadores que então reinavam e dos que os antecederam, como símbolos do poder de Roma. O Estado foi endeusado como nos modernos regimes totalitários. Tomaram vitalidade considerável certos cultos primitivos e a adoração de divindades associadas a certas localidades, ocupações ou profissões, aspectos de vida, etc.

Os antigos mistérios helênicos exerciam grande atração nas massas. Esses mistérios eram cerimônias secretas e dramáticas que realçavam certas idéias concernentes à perpetuação da vida. O orfismo, antigo movimento grego de religião mística que ensinava doutrinas de salvação e vida depois da morte era representado por muitas irmandades. Mais poderosas e mais influentes, porém, eram as religiões orientais que se espalhavam pelas margens do Mediterrâneo, tendo conseguido muitos adeptos. da Frígia, veio o culto de Ísis com Serápis ou Osíris.

Essas religiões influenciaram no começo da era cristã. Mais tarde, a mais popular das religiões orientais, a deusas Mitras, veio do leste da Ásia Menor, e era a deusa mascote do exército romano por onde ele ia.

Essas religiões misteriosas tinham uma semelhança superficial com o Cristianismo, por organizarem sociedades, agrupando indivíduos independente de raça ou posição social, os quais faziam refeições em comum, praticavam certas abluções que eram consideradas como purificações espirituais, e, em muitos casos, pelo culto de divindades que supostamente tinham sofrido morte e ressuscitado, comunicando, assim, vida imortal aos seus seguidores. Em aspectos mais profundos, essas religiões muito se distanciavam do Cristianismo.

Foi uma era de religiosidade aquela em que o Cristianismo alcançou as suas primeiras conquistas. Nesse tempo havia muito interesse no conhecimento das várias formas de religião e muita ansiedade por idéias e crenças que trouxeram mais satisfação à alma. É significativo que em relação ao Cristianismo, houvesse três coisas preeminentes: uma crença progressiva num só Deus universal; um sentimento de culpa, de pecado, muito generalizado e, em consequência, um anseio, um desejo intenso de purificação; e, por fim, um grande interesse nos problemas do além-túmulo. Já dissemos que, antes do aparecimento do cristianismo a melhor religião existente era o judaísmo. Mas este não podia satisfazer plenamente as necessidades do mundo. Mesmo enquanto Jesus vivia, o judaísmo deu provas de que não era capaz de se constituir numa religião universal. Isto se verifica no caráter dos seus líderes, que eram sacerdotes, os saduceus e os mestres, os fariseus. Subestimamos o valor dos fariseus em virtude da oposição deles a Jesus. Mas, apesar de seu vigor moral, entre os fariseus da Palestina desenvolvia-se um estreito preconceito racial com o objetivo de limitar a religião judaica exclusivamente ao povo judeu e, por isso, se opunham à obra missionária entre os gentios, obra que tinha sido iniciada durante o cativeiro.

### **b. As Condições Intelectuais**

O grande movimento filosófico grego chegou ao seu fim no que se relaciona com a pesquisa da verdade, muito tempo, mesmo antes da era cristã.

Quando surgiu o Cristianismo. O pensamento grego não fazia mais progresso. Duas filosofias gregas\_\_ o Epicurismo e o Estoicismo\_\_ tinham alcançado considerável crédito, ou, melhor, estavam em voga no império romano durante os primeiros anos de Cristianismo.

Mas nenhuma delas satisfaziam a mente dos homens no que respeitava às questões fundamentais e urgentes, como as do pecado e da vida futura que, por assim dizer, os preocupavam. Ambas essas filosofias eram falhas como métodos de vida. O Epicurismo, era muito superficial, interesse egoísta.

O Estoicismo, não obstante seus nobres ensinamentos de moral exercerem larga influência, era muito falho no que respeitava à simpatia humana. Entre os homens de raciocínio profundo havia um forte sentimento de insatisfação, um desejo ardente de encontrar solução para os problemas cruciais da vida. Por ocasião da morte da filha, Plínio, o Moço, escreve a um amigo: “Dá-me algum alívio, algum conforto que seja grande e forte, tal que eu nunca tenha ouvido ou lido. Porque tudo o que tem chegado ao meu conhecimento, e de que me posso lembrar, não me ajuda, pois minha tristeza é por demais profunda para ser removida pelo que sei”.

### **c. As Condições Morais**

Tem-se pintado, habitualmente, o estado moral do mundo civilizado durante os primeiros tempos do Cristianismo com as mais negras cores, como se não existisse qualquer coisa boa digna de menção. Os fatos que conhecemos não justificam, de todo, esse julgamento. Talvez essa idéia seja o resultado da leitura generalizada dos escritos satíricos daquela época que vergastavam os vícios da “sociedade”, e dos escândalos referidos biográficos da aristocracia. As classes mais altas, sem dúvida, estavam tremendo corrompidas. Entre as classes média e baixa, todavia, muitos homens e mulheres levavam vida virtuosa, com alguns gestos de nobreza e de bondade. Quando, porém, reunidos os elementos favoráveis e os desfavoráveis, o resultado é realmente negro. A época era decadente. Os homens tinham seus espíritos perturbado e insatisfeitos.

As religiões e filosofias então existentes exerciam pouca influência sobre a vida. Como resultado disso, o nível moral era baixo. Nada existia que pudesse melhorar a situação, até que o Cristianismo começou a exercer a sua influência. A tendência da sociedade era para um constante declínio moral. Em consequência de tudo isso, havia um sentimento vazio de cansaço entre muitos homens, e especialmente entre os melhores e mais inteligentes deles. Foi a um mundo entenebrecido, sem esperança e muito corrompido, que os primeiros missionários cristãos trouxeram suas boas-novas de salvação.

## **CAPÍTULO II**

### **O Primeiro Século**

#### **I. JESUS E SUA IGREJA**

##### **(a) Jesus e seus discípulos**

Jesus teve “compaixão das multidões”, e lutou por alcançar, com o seu ministério, o maior número possível de pessoas. Mas, evidentemente, planejou fazer muito mais a favor do mundo, tendo ao seu lado alguns homens escolhidos, cheios do seu Espírito, para continuarem a sua obra, do que Ele mesmo levar todo o tempo em pregações públicas. Logo no início de seu ministério, Jesus convidou alguns para serem seus companheiros e participantes da sua missão. Depois, dentre os que creram nele, fez a escolha de doze, para que fossem seus companheiros mais íntimos. Numa ocasião, também escolheu setenta, aos quais preparou para o ministério especial da pregação. As relações de Jesus para com os doze constituem uma das partes característica mais importante de sua obra. A este ministrou ensinamentos que não deu aos demais de modo geral, e os preparou, de sorte que, após sua volta aos céus, esses apóstolos pudessem revelar um conhecimento perfeito do Mestre, do seu ensino, da Revelação de Deus e da Salvação que, pelo Filho, mandou ao mundo, e também a conduta de vida para a qual Cristo chamou todos os homens. Próximo ao fim do seu ministério, Jesus dedicou-se mais e mais a esta natureza de trabalho com seus discípulos. Suas últimas palavras foram uma ordem definida para que levassem o anúncio do Evangelho a “todas as nações” e uma promessa de assisti-los com poder, através de todos os tempos, enquanto estivessem realizando a sua missão por todo mundo.

### **b. Jesus Funda Sua Igreja**

Evidentemente, Jesus deixou claro a necessidade de haver uma sociedade constituída dos seus seguidores, a fim de oferecer ao mundo o Evangelho e ministrar, em espírito, os ensinamentos que lhe dera. O objetivo era propagar o Reino de Deus. Ele não modelou qualquer organização ou plano de governo para esta sociedade. Não indicou oficiais para exercerem autoridade sobre os membros de tal organização. Credo algum prescreveu para ela. Nenhum código de regras lhe fora imposto. Não prescreveu ordens ou formas de culto. Apenas deu aos seus os ritos religiosos mais simples: o batismo, com água, para significar a purificação espiritual e consagração ao seu discipulado; e a Ceia do Senhor, no qual usou um pouco de elementos mais comuns da alimentação, com uma comemoração ou lembrança de próprio, especialmente da sua morte para a redenção dos homens. Conseqüentemente, em nada que Jesus fez podemos descobrir a organização da Igreja. Ele fundou a igreja, ou, melhor, Ele mesmo a criou. Jesus formou uma sociedade dos seus seguidores, agrupando-os ao redor de si mesmo.

Comunicou a esse grupo, até onde era possível, sua própria vida, seu espírito e propósito. Prometeu dar, através dos séculos, vitalidade a esta sociedade, sua igreja. E sua grande dádiva a ela foi o Dom dele próprio. Nele, a Igreja teria de encontrar os seus princípios, os seus objetivos, o seu poder. Deixou a Igreja livre para escolher as formas de organização e de culto, afirmações de crença, métodos e trabalhos, etc. O propósito de Cristo era que a vida da sua igreja, isto é, a vida do Salvador, latente em seus seguidores, se expressasse pelos modos que lhe parecessem mais apropriados para a consecução do grande objetivo em vista.

## **II. A IGREJA APOSTÓLICA (até ao ano 100 d.c.)**

### (a) O Começo

Num certo sentido, a Igreja Cristã teve seu nascimento quando Jesus chamou seus primeiros discípulos.

Comumente, porém, se diz que a História da igreja teve início no dia de Pentecoste que se seguiu à ressurreição, pois foi quando teve começo a vida ativa da Igreja. Após a ascensão de Jesus aos céus, os discípulos, não obstante terem recebido ordens de anunciar o Evangelho ao mundo, permanecerem, todavia, quietos, tranqüilos em Jerusalém.

Estavam aguardando, segundo a ordem do Mestre, o poder prometido que viria do alto. Dez dias depois no Pentecostes, o Espírito Santo prometido por Jesus veio sobre eles revestindo-os de poder. Tornaram-se então, testemunhas intimidadas<sup>54</sup> do Mestre, plenos de nobre atividade. Verifica-se tal mudança no próprio discurso de Pedro no Pentecostes.

O que sucedeu a Pedro naquele dia expressa o espírito de todos os primeiros cristãos, daquele dia em diante. E desde então, a Igreja Cristã, como uma comunidade destinada a dar testemunho de Cristo, vem proclamando o Evangelho, edificando o Reino de Deus na terra.

### **b. A Extensão da Igreja**

A primeira pregação do Evangelho, no Pentecostes, foi dirigida unicamente aos judeus. Por algum tempo, talvez dois ou três anos, as missões cristãs eram limitadas aos judeus, começando em Jerusalém e daí estendendo-se a toda a Palestina.

Os primitivos cristãos não perceberam logo a extensão do propósito divino, na salvação do mundo. Como hebreus, reconhecendo que Jesus era o Messias esperado pelo seu povo. Portanto o consideravam como Salvador somente ou principalmente dos judeus, apesar de Jesus, por palavras e atos, ter-lhes ensinado coisa diferente.

A perseguição foi o meio pelo qual a Igreja nascente chegou a uma compreensão mais segura do Evangelho que Jesus lhe dera a pregar, e por ela alcançou uma visão mais ampla da obra que Jesus lhe propusera. As autoridades religiosas judaicas que tinham tentado embaraçar a pregação evangélica levantaram-se por causado audaz desafio que foi o discurso de Estevão, e empreenderam uma campanha selvagem, violenta e sistemática contra o Cristianismo.

Com esse ataque, a comunidade cristã de Jerusalém, que já contava alguns milhares, foi dissolvida. Seus elementos procuraram segurança, espalhando-se por toda a Palestina. Não obstante fugirem para salvar a vida e, por causa da sua fé, levavam o Evangelho aonde quer que fossem. Alguns deles foram até à grande cidade de Antioquia, na Síria. Ali, os seguidores de Cristo foram, pela primeira vez, chamados "cristãos", nome que, parece, lhes foi dado por zombaria. Nesta cidade, vivendo no meio de uma população grega, esses exilados tornaram Jesus conhecido tanto de gregos como de judeus.

Desse modo, certos obscuros e desconhecidos deram o grande peso para tornarem o Cristianismo uma religião universal.

Um pouco mais tarde, essa Igreja de Antioquia enviou Barnabé e Paulo, os primeiros expressamente designados para pregarem Cristo aos gentios.

Foi Paulo quem concluiu, sob a direção divina, a obra de libertar o Cristianismo. Paulo realizou o que sempre estivera no propósito divino: fazer do Cristianismo pregado a todos os homens no mesmo pé de igualdade.

Começando assim sua grande carreira missionaria, o Cristo espalhou-se, de sorte que, pelo ano 100 d.c., havia igrejas em inúmeras cidades da Ásia Menor e em muitos lufares da Palestina, Síria, Macedônia e Grécia, em Roma e Puteoli, na Itália, em Alexandria, e, provavelmente, na Espanha. Paulo foi naturalmente o missionário que mais contribuiu para esse resultado. O novo testamento refere os nomes de alguns outros, como Priscila e Áquila.

O que a tradição relata sobre a pregação dos apóstolos nos leva a pensar que todos eles deram testemunho intemorato, levando às pragas mais longínquas as boas-novas, não obstante conhecermos com mais segurança apenas o trabalho de Pedro e João. Todavia, muito da tarefa heróica de tão grande esforço evangelístico foi realizado por discípulos e missionários cujos nomes desconhecidos. Cada crente era missionário ansioso por oferecer a alegria de que gozava em Cristo às pessoas que encontrava no trabalho, nas comunidades e em outros meios. Em virtude do zelo que tinham em anunciar a Cristo, esses cristãos desconhecidos foram os mais eficazes missionários da sua religião.

### **c. A Vida da Igreja**

Naquele tempo uma Igreja cristã era comumente um pequeno grupo de crentes vivendo numa grande comunidade pagã. Quase todos eram pessoas pobres, alguns escravos, embora houvesse cristãos nas classes mais altas, especialmente na igreja de Roma.

Características dos cristãos:

1º = Amor Fraternal

2º = Zelo e Pureza Moral

3º = Prazer e Confiança.

Em toda parte havia muita coisa que distinguia em cristão dos vizinhos pagãos. Eles se tratavam mutualmente por irmãos em Cristo, e realmente agiam como irmãos.

Cuidavam desveladamente dos órfãos, dos doentes, das viúvas, dos desamparados. As coletas e administração dos fundos de caridade constituíam uma das partes mais importantes da vida dessas Igrejas primitivas. Dentro da Igreja todas as distinções foram abolidas. Escravos e senhores foram nivelados. As mulheres alcançaram uma posição de honra e de influência que jamais conseguiram na sociedade profana. Distinguiam-se também os cristãos por fervor e pureza moral jamais conhecidos em qualquer parte.

As epístolas de Paulo aos Coríntios nos fala de um povo que estava longe de ser perfeito como era de se esperar daqueles recém – convertidos do paganismo e que viviam no meio de suas tentações. Não obstante as vidas dos cristãos gentios demonstravam o poder que tem o Evangelho de conceder aos homens uma nova justiça. Além disso, a atitude dominante dos cristãos era de contentamento e confiança admiráveis Regozijavam-se no amor de Deus, o Pai; na comunhão com Cristo redivivo; no perdão dos pecados; na certeza da imortalidade.

Assim desconheciam a tristeza e o desespero que oprimiam a vida de muitos que os cercavam. Essas características dos cristãos primitivos constituíam uma poderosa recomendação para o Cristianismo, promovendo o seu desenvolvimento.

Todas essas características derivavam parte do seu vigor da constante expectativa em que viviam esses discípulos quanto à iminente vinda do Senhor, em glória visível, para restabelecer seu Reino triunfante sobre a terra. A predominância desta esperança na Igreja. É verdade que esses cristãos primitivos cometeram, certos erros sobre este assunto da volta do Senhor, mas a esperança de que se achavam possuídos muito contribui para fortalecer e purificar suas vidas.

Os cristãos necessitavam de um auxílio especial, pois estavam constantemente expostos a sofrimentos por causa da sua fé. Muitas vezes foram assolados pelos judeus inimigos do Cristianismo. Os cristãos eram também odiados por muitos, por suas vidas constituírem permanente condenação dos costumes e da conduta moral dos pagãos.

A partir de Nero (54 a 68 D.C.), o governo romano começou a hostilizar o Cristianismo, tentando eliminá-lo, cruel e rigorosamente. Essa perseguição variava de intensidade à medida que variavam os governos.

Consideraremos as razões dessa hostilidade no próximo capítulo. Não esqueçamos, porém, de que durante o primeiro século o Cristianismo enfrentou o poder oficial como seu inimigo rancoroso. Muitos cristãos, tanto famosos líderes, como Paulo, como outros heróis, desconhecidos, receberam a coroa de martírio.

#### d. O Culto na Igreja

A pobreza e a perseguição impossibilitam a Igreja primitiva de construir seus templos durante o primeiro século, razão por que os cristãos se reuniam para o culto em casas particulares. Deduzimos das Epístolas de Paulo, especialmente as enviadas aos Coríntios, que havia dois tipos de reuniões de Culto. Um era o tipo de culto de oração. O culto era dirigido conforme o Espírito os movia no momento. Faziam orações, davam testemunhos, ministravam ensinamentos, cantavam Salmos. Aí apareceram também os primeiros hinos cristãos do primeiro século. Eram lidas e explicadas as Escrituras do Velho Testamento. Havia também leituras de citações, de memórias, dos atos e ensinamentos de Jesus. Quando os apóstolos enviavam cartas às Igrejas, como às que encontramos no Novo Testamento, essas cartas eram lidas para todos. Nessas reuniões o entusiasmo do Cristianismo primitivo encontrou livre expressão.

E esse entusiasmo às vezes era tão ardoroso que resultava em certa desordem. Eram admitidas os estranhos a essas reuniões e nelas alguns deles se levantavam confessando seus pecados e declarando que aceitavam a Jesus. A outra era conhecida como a Festa do Amor ou Fraternidade. Era uma refeição comum, muito alegre e sagrada, símbolo do amor fraternal cristão.

Dela somente os cristãos podiam participar. Cada um trazia a sua parte da refeição e este elemento eram repartidos entre todos igualmente. Paulo repreende o egoísmo dos que comiam o que eles mesmos traziam e se recusavam a dividir o que tinham com os que não podiam trazer coisas boas. Durante as refeições o dirigente dava graças. Ao fim de tudo celebra-se a Ceia do Senhor em que se usava uma parte do pão que tinha sido servido na festa. Esta reunião era no Dia do Senhor, o primeiro dia da semana, que os cristãos guardavam como a Festa para comemorar a ressurreição de Cristo.

Na obstante haver bastante incerteza sobre este assunto, é provável que, a princípio, a Festa do Amor fosse realizada à noite. Já no fim do primeiro século a Ceia do Senhor ou Eucaristia era celebrada pela manhã do dia de Domingo, chamado Dia do Senhor.

### **(E) A Crença da Igreja**

Na Igreja do primeiro século não se compuseram credos ou declarações formais de fé. O Credo só apareceu no segundo século. Para conhecermos a crença dos cristãos primitivos, devemos recorrer ao Novo Testamento. Criam eles em Deus, o Pai; em Jesus, como o Filho de Deus e Salvador; criam no Espírito Santo, de cuja presença estavam conciso. Criam no perdão dos pecados. A base de seu ideal moral eram o ensino de Jesus sobre o amor todos os homens. Aguardavam a volta de Jesus para exercer o julgamento final e dar a vida eterna a todos que crescem nele. Suas idéias doutrinárias, se assim o podemos chamar, eram muito simples. Todos seus pensamentos sobre a vida religiosa tinham como centro a Pessoa de Cristo.

Duas influências levavam os crentes do primeiro século a cair em alguns erros doutrinários, os quais, de certo modo, ameaçaram a pureza do Evangelho. Os "judaizantes" ensinavam que os cristãos deviam cumprir todas as cerimônias exigidas pela Lei Judaicas. Paulo condenou-os porque viu que, se o ensino deles prevalecesse, o Cristianismo não podia ser a religião de todas as raças. Encontramos no Novo Testamento advertências solenes contra os erros dos chamados Gnosticismos.

Esta seita surgiu no primeiro século, e veio depois a se tornar muito poderosa.

Consistia de uma estranha mistura de idéias cristãs, judaicas e pagãs. Era muito parecida com o Cristianismo, de modo a confundir alguns.

### **(F) O Governo da Igreja**

As Igrejas primitivas eram independentes, com o governo próprio decidindo todos os seus negócios e problemas. Os cristãos insistentemente afirmavam que pertenciam à Única Igreja Universal, pois todos eram um em Cristo, mas nenhuma organização e caráter geral exercia controle sobre as inúmeras Igrejas espalhadas por toda parte.

Os primeiros apóstolos eram reverenciados, em virtude do contato que tinham com Cristo, e exerciam certa autoridade, como se verifica da decisão tomada quanto aos Cristãos gentios e à lei judaica, como se vê no capítulo 15 de Atos. Paulo exercia autoridade em virtude de sua posição de apóstolo e de trabalho extraordinário. Mas a autoridade desses homens não deriva do seu ofício, nem se expressava numa organização formal.

O novo testamento fala de oficiais que se ocupavam no ministério da pregação e do ensino. São conhecidos como apóstolos e profetas e mestres. O nome de “apóstolo” não era restrito aos companheiros de Jesus, mas pertencia a outros pioneiros do Evangelho que levavam as boas-novas aos novos campos. Os profetas e mestres, ou doutores, esclareciam o significado dos Evangelhos às Igrejas. Todos esses exerciam seus ofícios não pela indicação de qualquer autoridade, mas porque revelavam estar habilitados para tais ofícios, estendia a toda a Igreja; não era restrito a congregações particulares. Vemos muitos dos apóstolos e profetas viajando por toda parte a serviço da Causa. No primeiro século, a pregação e o ensino do Evangelho eram feitos principalmente por esses homens e por algumas mulheres, antes por oficiais de Igrejas locais.

O Novo Testamento fala de outra natureza de ministério que dizia respeito aos negócios das congregações. Parece que não havia nenhum modelo de organização para todas as Igrejas, mas estas agiam livre e independentes, e seus métodos diferiam. Em algumas Igrejas fundadas por Paulo havia dois grupos de oficiais: os anciãos ou presbíteros, também chamados bispos, que eram superintendentes; o outro grupo era o de diáconos. Os anciãos ou bispo tinham o encargo do pastorado, da disciplina e dos negócios econômicos. Os diáconos prestavam um serviço especial – o da beneficência.

Os presbíteros presidiam à Mesa do Senhor e pregavam quando não estavam presente algum apóstolo, profeta ou mestre. Esses oficiais eram escolhidos pelo povo porque revelavam os dons e a vocação do espírito Santo para esse trabalho. Tal forma de distribuição de encargos não admitia qualquer oficial como os pastores atuais. Parece que havia outras Igrejas com diferentes formas de organização; em alguns casos a liderança estava com indivíduo; noutros, o governo era congregacional.

### **Questionário:**

1. Fale das relações de Jesus para seus discípulos.
2. Qual o propósito de Jesus em relação à Igreja?
3. Em que sentido Jesus fundou a sua Igreja?
4. Quando teve início a vida ativa da Igreja e a quem foi o Evangelho inicialmente anunciado?
5. Como a Igreja espalhou o Evangelho e que parte teve Paulo em tornar o Cristianismo uma religião universal?
6. Até onde o Cristianismo se estendeu no primeiro século e quais foram seus missionários?
7. Que classes de pessoas constituíam as Igrejas primitivas e quais as características distintivas das suas vidas?
8. Onde procedeu a perseguição dos cristãos durante esse período?
9. Que tipos de reuniões de cultos tinham esses primitivos cristãos?

10. Qual era a crença deles?
11. Quais as influências que deram origem às idéias religiosas errôneas entre eles?
12. Havia qualquer forma geral de governo nas Igrejas do primeiro século?
13. Qual era o ministério da pregação e do ensino? Qual era o ministério dos negócios da Igreja?

### **CAPÍTULO III**

#### **A Igreja Antiga 1ª Parte (100-313 d.C)**

##### **I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA (Império Romano)**

Durante o período abrangido por este capítulo, o Império Romano alcançou a sua maior extensão.

Na culminância do seu desenvolvimento, sob o governo de Trajano (98-117), o império compreendia todas as terras ao norte do Reno e do Danúbio, e se estendia para o oriente até ao Golfo Pérsico e ao Mar Cáspico. Todavia, as fronteiras normais limitavam-se com o Reno e com o Danúbio, e, no oriente, até ao rio Eufrates.

Nestes dois séculos, o império começou a apresentar sinais de decadência. Possuindo um território muito extenso e uma população variadíssima, era tão corruptos e opressores que findaram em ruína. A escravidão se espalhou não só na Itália, mas em toda parte, e seus inevitáveis efeitos desastrosos corromperam o caráter de todas as camadas sociais, aniquilando todas as fontes de riqueza. Uma política econômica mal orientada enriqueceu uns poucos e empobreceu as classes média e baixa, provocando um decréscimo na população. O poder e prestígio dos romanos e dos habitantes de varias províncias foram corroídos pela decadência moral que atingiu não somente a aristocracia, mas também a todas as classes, provocando a imoralidade e a desonestidade no comércio e nos governos, a sensualidade, o desprezo pelo casamento e a degradação das diversões populares.

Enquanto o império se desmoronava internamente, começou a receber também ataques externos por parte dos bárbaros que eram, principalmente, as tribos germânicas, cujas terras se estendiam pelos baixos cursos dos grandes rios que desaguavam no Mar Báltico e nos Mares do Norte. Daí, impelidos pelo crescimento de suas populações, pela falta de recursos e ainda atraídos por tribos, em direção ao Sul Sudoeste e sudeste.

Este movimento de fixação, de estabelecimento definitivo de novos lares. Tais movimentos, que duraram cerca de cinco séculos, modificaram a face da Europa, levando novas populações a muitas regiões. Somente os seus primórdios ocupavam os dois séculos que estamos considerando. Antes mesmo da era cristã, houve choque entre os romanos e os germanos. No primeiro século da nossa era, os romanos, reconhecendo o poder dos germanos, aceitaram a fronteira renodanubiana, exceto a Dácia (atual Romênia). Mais tarde, século segundo, os germanos forçaram uma redução das fronteiras do império, o bastante para reduzirem o poder romano ao mínimo. Daí em diante, os imperadores os aplacaram aceitando muitas tribos germânicas como aliadas, dando-lhes terras e colocando muitos dos seus chefes guerreiros no exército romano, que se tornou, por essa razão, predominantemente germânico.

Enquanto o império estava relativamente forte, estadistas como Diocleciano (284-305), vendo que o território era muito extenso para ser governado por um poder central, idealizaram uma divisão de autoridade entre quatro governadores, tendo como capitais Roma e Nicomédia, na Ásia Menor. Ele governava no ocidente ao fim deste período, e, em 323, tornou-se o único imperador.

## **II. A IGREJA**

### **(a) Extensão da Igreja**

#### **EXPANSÃO DO CRISTIANISMO NO 2º. e 3º. SÉCULOS**

Entre o ano 100 d.C. e o reinado de Constantino, o Cristianismo alcançou maravilhoso progresso. Em 313, era a religião dominante na Ásia Menor, região muito importante do mundo de então, como na Trácia e na longínqua Armênia. A Igreja se constituía numa influência civilizadora muito poderosa na Antioquia, na Síria, nas costas da Grécia e Macedônia, nas ilhas gregas, no norte do Egito, a província da África e na Espanha. Era menos forte em outras partes do império, inclusive a Britânia. Era fraca, naturalmente, nas regiões mais remotas, como a Gália central e do norte. Em todas essas regiões a Igreja alcançou povos das mais variadas línguas, que não faziam parte da civilização greco-romana. “O Cristianismo já se mostrara mais inclusivo do que qualquer outra tradição cultural”. O Cristianismo não tinha alcançado somente os limites do império; mesmo o leste da Síria e Mesopotâmia receberam influência poderosa.

#### **EXPANSÃO NA SOCIEDADE**

O Cristianismo introduziu-se em todas as classes sociais. Passara já o tempo de só se encontrarem cristãos entre as classes paupérrimas e iletradas. A Igreja contava também não poucas pessoas das classes altas e ricas.

Eram numerosos os cristãos na corte imperial e entre os elementos do governo. Não obstante haver na Igreja forte opinião de que o Cristianismo era incompatível com a profissão de soldado, eram muitos os cristãos no exército durante o 2º. século; e eram numerosíssimos os soldados cristãos ao tempo de Diocleciano. Muitos homens de alta cultura tinha-se tornado discípulos e usaram sua influência para desenvolver a causa cristã. A classe mais poderosa no Cristianismo era, porém, constituída de artesãos, pequenos negociantes, proprietários de pequenas terras, todas pessoas humildes.

Quem contribuiu para este extraordinário crescimento do Cristianismo? No início deste período, como no primeiro século, houve muitos missionários itinerantes que foram os pioneiros do cristianismo. Pelo ano 200 d.C. eram, porém, poucos esses heróis.

Os apologistas ou defensores intelectuais do Cristianismo realizaram uma grande obra missionária. Um deles foi Justino, o Mártir (100-165). Era um grego natural de Palestina. Demonstrou sua origem grega, percorrendo as várias escolas filosóficas à procura da verdade. Numa dessas viagens, encontrou-se com um notável cristão que o fez compreender que o clímax da verdade que ele procurava encontra-se em Cristo. O resto da sua vida, até ao seu martírio, Justino levou sua vida viajando como os filósofos de então, ensinando o Cristianismo como filosofia perfeita. Escreveu também muitos livros com o propósito de explicar a verdade cristã aos pesquisadores pagãos. Outro apologista notável foi Tertuliano (160-320), advogado cartaginês, já em meia idade, convertidos ao Cristianismo.

Era portador de dons extraordinários, de pensamento agudo, de linguagem vigorosa, elegante, vívida e satírica. Esses dons, aliados a um zelo profundo por Cristo e um severo senso de moralidade, deram-lhe notável e poderosa influência. Em muitos escritos refutou falsas acusações contra os cristãos e o Cristianismo, salientando o poder da verdade cristã.

### **OS MESTRES – (ORÍGENES – TERTULIANO)**

Os homens que realizaram o trabalho de mestre nas Igrejas foram de utilidade extraordinária no desenvolvimento do Cristianismo daqueles dias. Exemplo notável de mestre foi Orígenes de Alexandria (185-253). Nascido de pais crentes, recebeu a melhor educação que era possível obter naquela época. Na cultura e poder intelectual não houve quem o superasse no seu tempo. Ele e Tertuliano foram os dois maiores homens da Igreja dos 2º e 3º séculos. Com apenas dezoito anos de idade, Orígenes tornou-se mestre de uma escola de catequese da Igreja da Alexandria. Veio a ser uma fortaleza que tornou o Cristianismo conhecido dos cristãos e não cristãos. Escreveu muitos livros que expunham as verdades evangélicas, inclusive bom número de comentários de alguns livros da Bíblia e que ainda são de valor para os estudiosos. Na perseguição movida pelo imperador Décio, foi vítima de grande crueldade que apressaram sua morte.

### **O CRISTÃO COMUM**

Todavia, a maior parte da obra que contribuiu poderosa e decisivamente para espalhar a causa da cruz, foi realizada pelos cristãos em geral. Por suas vidas, especialmente pelo seu grande amor fraternal e também pelo amor aos decrescentes, pela fidelidade e coragem sob as perseguições e pelo testemunho oral da história do Evangelho, estes desconhecidos servos de Cristo trouxeram aos pés do Salvador a quase totalidade dos que foram ganhos para a Causa do Evangelho naquele tempo.

### **PERSEGUIÇÕES – SUAS CAUSAS**

Nunca faremos uma apreciação segura das conquistas que a Igreja fez nestes séculos se esquecermos que elas foram alcançadas em meio a mais feroz perseguição. A partir de Nero (54-68), o governo romano hostilizou tenazmente o Cristianismo. Qual a causa dessa atitude? O governo permitia a livre prática de muitas religiões. Mas o Cristianismo era diferente das outras religiões. Os crentes prestavam obediência e lealdade supremas ao seu Salvador. E para os romanos, o Estado era a suprema força, e a religião era uma forma de patriotismo. Os deuses reconhecidos pelo Estado eram cultuados com o objetivo de beneficiar o governo e a nação. Qualquer adepto de outra religião estava disposto a prestar tributo aos deuses nacionais, ao mesmo tempo em que realizava o seu próprio culto.

Mas o Cristianismo era exclusivista. Não condescendia em prestar culto à outra divindade. Os cristãos sustentavam a inutilidade dos deuses, exceto o que eles adoravam. De modo algum prestariam culto aos deuses romanos, por ordem por que, aos olhos dos governos romanos, o Cristianismo parecia um ensino desleal e perigoso para o Estado e para a sociedade. Assim os cristãos foram acusados de anarquistas, sacrílegos, ateus e traidores. O governo, então, hostilizava o Cristianismo porque o considerava uma ameaça ao Estado Supremo.

Usava de um meio muito conveniente para por à prova a lealdade dos cristãos. Estes eram trazidos a juízo e obrigados a participarem das cerimônias da religião do Estado, na adoração das estátuas de Roma e dos imperadores. Quando os cristãos, naturalmente, se recusavam a prestar esse culto, as autoridades os consideravam traidores. Era bastante alguém confessar: “Sou Cristão”, para tal testemunho constituir desobediência ao Estado.

### **RAZÕES ESPECIAIS**

Dois fatos contribuíram para a oposição oficial ao Cristianismo: primeiro, seu crescimento a despeito da repressão; segundo, suas principais reuniões, com a Ceia do Senhor, eram realizadas a portas fechadas. A Igrejas parecia aos olhos do governo uma perigosa arma secreta que crescia assustadoramente.

Por muito tempo o governo fez às vezes do povo no ataque ao cristianismo. Até o 3º. século, quando os cristãos se tornaram mais bem conhecidos, o Cristianismo era odiado pelo povo. O repúdio dos cristãos ao culto do Estado, símbolo de patriotismo, tornava-os traidores aos olhos do povo. E era como se alguém se recusasse a prestar homenagem à bandeira da sua pátria. Os cristãos repudiaram todos os deuses antigos, cujo culto era necessário para a felicidade Social. A sociedade tinha muitas fases da sua vida ligadas a essas formas de culto. Os cristãos, por essas razões, eram tidos como a pior classe de revolucionários, destruidores de fundamentos da civilização; não obstante serem, como afirmavam e o eram, sujeitos e obedientes às outras leis. Os cristãos consideravam-se um povo à parte, escolhidos peculiar mente por Deus, e, agindo como tais, não se conformava com os costumes populares, naquilo em que a religião cristã os impediam. Essa atitude criou ambiente hostil.

Boatos de indecência praticadas pelos cristãos em suas reuniões de caráter privado aumentaram a hostilidade pública que se traduziu em ataques violentos da população, ataques de que os oficiais do governo, algumas vezes, os livraram.

Não houve uma perseguição continua, de Nero a Constantino. O tratamento dado aos cristãos variava de acordo com as atitudes dos imperadores ou dos governos regionais. Houve muitas épocas de tréguas em certas regiões ou no império todo. Mas durante todo tempo Cristianismo esteve fora da lei, e em qualquer ocasião, os cristãos podiam ser presos e acusados diante de um magistrado. A recusa de participação no culto oficial significava tortura e, para os obstinados, a morte. Nenhum cristã, nesse século, pode viver sem sofrer perseguição, de um modo ou de outro.

Até à primeira parte do 3º. século, os ataques ao Cristianismo eram principalmente de caráter local. Depois de se experimentar a paz por uma geração, desencadeou-se a pior perseguição jamais sofrida, sobre o governo de Décio e seus dois sucessores (250-260).

Lançaram eles mão de todo o poder de que dispunham, numa tentativa sistemática em impiedosa de varrer o Cristianismo do império romano. Milhares foram martirizados e milhares abandonados a fé. A Igreja estava seriamente ameaçada, enfraquecida e em perigo mortal quando a perseguição foi suspensa pelo imperador Galieno.

Seguiu-se, então, a “**Pax Longa**” (260-303), durante a qual a Igreja muito conseguiu em número, poder e organização. Assim, ela ficou habilitada a suportar a última das perseguições, sob Diocleciano. Esta foi cuidadosamente organizada e ferocíssima, mas de pouca duração em algumas partes, prejudicando, relativamente pouco, a Igreja.

Em 311, apareceu um Édito de Tolerância, publicado por Galério, imperador no oriente, no qual se reconhecia a insânia da perseguição aos cristãos. Dois anos mais tarde, o Édito de Milão, de Constantino e Licínio, imperadores no oriente, no qual se reconhecia a insânia da perseguição aos cristãos. Dois anos mais tarde, o Édito de Milão, de Constantino e Licínio, imperadores do ocidente e do oriente, estabelecia a liberdade religiosa para todos. Tal Édito foi destinado a pôr fim à perseguição ao Cristianismo.

### **(b) A Vida na Igreja**

Essas grandes perseguições tiveram como resultado moldar em grande o caráter moral da Igreja. Só uma pessoa zelosa e fiel professaria a fé em Cristo quando tal ato constituía hostilidade ao governo. A vida cristã foi assim mantida num alto nível moral.

Durante períodos de paz, muita gente entrava na igreja. Muitos, porém, entravam sem a verdadeira conversão, o que resultava no rebaixamento do nível moral da igreja.

Voltando a perseguição, os fracos desistiam ante o terror e o sofrimento que tinham que enfrentar por amor a Cristo. Desse modo, a Igreja era expurgada dos membros nominais, e os fiéis se tornavam mais vigorosos no testemunho do Senhor.

No 2º e 3º séculos o caráter geral dos cristãos permaneceu como desde o principio, bastante elevado o que os tornava distintos do resto do mundo. Não obstante haver algumas exceções, os cristãos, em geral, eram conhecidos por sua moralidade superior. A fraternidade cristã, a pureza, a honestidade, a bondade eram os seus principais característicos.

O mundo ficou especialmente impressionado com a expressão de amor fraternal desses cristãos, qualidade esta que era estranha para o mundo. Era comum a necessidade entre eles, pois havia muitos pobres. As perseguições deixavam muitas viúvas e órfãos e provocavam confiscação de bens. O amor cristão era somente aos irmãos na fé. Em época de calamidade, como pestilências, etc., os cristãos cuidavam dos necessitados, sem distinção, numa era quando ninguém se atrevia a fazê-lo.

Nesses dois séculos aparecem duas tendências que mais tarde influenciaram poderosamente a vida dos cristãos. Uma delas foi o ascetismo, o que vem a ser a disciplina do caráter alcançada pela abstenção voluntária de coisas que em si mesmo são lícitas. Havia pessoas que jejuavam e renunciavam a vida em sociedade por uma existência solitária. Pensavam desse modo que seriam possível alcançar uma justiça especial.

A outra tendência foi o legalismo. Era uma interpretação do sentido moral da religião, como obediência a certas leis e regras definidas. Os legalistas oravam muito e jejuavam em certos dias da semana e davam esmolas regularmente.

A liberdade da vida cristã ensinada por Paulo foi, de certo modo, substituída por um sistema de regras e praticas de certas obras.

Já fizemos referencia ao fato que, no intervalo das perseguições, gente não convertida, por alguma razão, uniam-se à Igreja, rebaixando, assim, o nível médio do caráter dos cristãos. Isso tornou insatisfeito muitos cristãos sinceros, fiéis. Entristeceram-se eles com o padrão de vida que a Igreja estava permitindo existir no seu seio. Surgiu, desse modo, uma distinção que criou dois tipos de conduta cristã. As “exigências” do Evangelho eram para os cristãos em geral. Os “avisos” Do Evangelho, para os que aspiravam uma vida espiritual mais perfeita.

Havia, então, em processo, um duplo padrão de vida cristã: as “exigências” constituíam a simples guarda de certas regras e preceitos da Igreja; os “avisos” eram para os que desejavam uma vida ascética de voluntários abstenção com o fim de alcançar ainda mais a santidade. Os elementos de realce dessa vida moral mais elevada eram: pobreza e celibato.

### **(c) O Culto e os Sacramentos da Igreja**

Pelos meados do 2º século era já costume estabelecido ter-se, no Dia do Senhor (=Domingo), uma reunião para a leitura da Escritura, oração, cântico de salmos e hinos e pregação, encerrando-se tudo com a Ceia do Senhor. Como este fosse um dia comum de trabalho, as reuniões eram pela manhã muito cedo. A primeira parte dos serviços religiosos tinham caráter público, mas somente os crentes podiam estar presentes á ministração dos sacramentos. Nos 2º. e 3º. séculos, começaram a aparecer certas fórmulas para oração, liturgias ou ordens expressas de culto.

Já ao fim do 2º. século, o batismo era ministrado com um ritual elaborado. Surgiu a crença de que o batismo lavava os pecados. A ceia do Senhor ou Eucaristia começou a ser ministrada por meio de uma certa forma litúrgica. Especulações sobre o seu significado deram origem, no 3º século, a uma doutrina que tinha duplo aspecto. Primeiro, a Ceia era considerada sacramento em Cristo estava realmente presente, de sorte que o comungante tinha comunhão pessoal com Ele. Segundo, era considerada também como um sacrifício que movia o sentimento de Deus a favor dos comungantes e daqueles por quem estes orassem.

### **(d) A Crença da Igreja**

Neste período a Igreja começou a desenvolver e aprofundar seu pensamento sobre os elementos fundamentais da sua fé, pesquisas estas que deram origem aos credos dos 4º. e 5º. séculos. O primeiro impulso para isto, procedeu do Gnosticismo. No 2º. século, este movimento espalhou-se no oriente, especialmente na Ásia Menor. O Gnosticismo era uma teoria muito aproximada do Cristianismo, por isto mesmo tempo, se distanciava da doutrina cristã pois negava que cristo tivesse tido uma vida física real. Para que os catecúmenos ou candidatos ao batismo fossem devidamente instruídos, como também para defender o Cristianismo dos erros dos gnósticos, foram estabelecidas certas declarações breves sobre o que constituía objetivo de fé para os cristãos. Certos credos, muito semelhantes ao Credo dos Apóstolos, apareceram em vários lugares durante o 2º século.

É natural que muitos deles viessem a se construir, substancialmente, regra de fé da Igreja, e como tal, fossem geralmente aceitos.

Cristo era supremo objeto do pensamento cristão, pois era o alicerce e a força do Cristianismo. As idéias que a seu respeito surgiram foram simplificadas nestes dois aspectos: sustentar a crença em um único Deus e dar a Cristo o lugar que lhe era devido.

### **(e) A Organização da Igreja**

#### **1. Organização Eclesiástica Local**

Como vimos, no 1º. século não havia um padrão uniforme de organização eclesiástica. Algumas igrejas eram governadas por grupos de presbíteros ou bispos, auxiliados pelos diáconos. Já nos meados do 2º. século havia uniformidade de organização. Praticamente, cada igreja tinha um bispo que dirigia, além do grupo de presbíteros e diáconos. A palavra “bispo”, aqui, não deve ser mal-entendida. Esses bispos não tinham seu governo exercido pelos dois grupos. Em certos casos, um só homem pode dirigir melhor do que vários .

#### **2. A Igreja Católica**

Vimos como no primeiro século as igrejas eram independentes. Não havia governo que exercesse autoridade sobre mais de uma igreja. No segundo, ainda permaneceu a mesma situação. Mas no terceiro quartel do segundo século, começou a surgir uma organização que depois veio a ser conhecida como Igreja Católica. O termo “católica” quer dizer universal. Esta foi uma federação ou associação de igrejas que eram ligadas por um acordo formal, com três aspectos. No 1º. século, as igrejas tinham unidade espiritual, através do amor, unidade baseada na fé em Cristo. No 2º. século, além da unidade espiritual havia também uma unidade externa. As igrejas que faziam parte da associação chamada “católica” eram unidas, primeiro por terem uma só forma de governo, isto é, bispos, presbíteros, diáconos; segundo, pela adoção de um só credo, substancialmente o Credo dos Apóstolos; e terceiro, por todas reconhecerem e receberem uma só coleção de livros do Novo Testamento.

Havia igrejas que não tinham a forma de governo acima descrita, nem concordavam todas com o mesmo credo, nem recebiam alguns dos livros aprovados. Essas igrejas eram reputados pela Igreja Católica como heréticas.

A organização da Igreja Católica tornou-se necessária em face de um grande perigo. O gnosticismo lançava confusão nas massas a respeito da verdade cristã. Outro movimento estava também produzindo dissensão: o montanismo . Os montanistas também desejava uma igreja como a do 1º século, sob a direção do governo direto do Espírito Santo. Sustentavam que as autoridades da igreja estornavam a ação do espírito, e se opunham ao poder sempre crescente que se desenvolvia no ministério.

A crença deles a respeito da direção imediata do Espírito levou-os a uma estranha e fanática emissão de sons e palavras. Para preservar a religião cristã de se perder na confusão, foram necessários certos meios de unidade externa.

O meio de que lançaram mão foi à organização da Igreja Católica, uma instituição que pretendia possuir autoridade, excluindo do seu seio os que se recusassem a lhe obedecer. Esse resultado funesto posteriores, mas era necessário naquele tempo.

### **3. Outro Desenvolvimento na Organização da Igreja**

Durante estes séculos verificaram-se varias mudanças na atitude do ministério. A distinção entre um clérigo e um leigo, desconhecido no primeiro século, foi aparecendo gradualmente. Bispos, presbíteros e diáconos eram separados, distintos na posição que ocupavam, dos demais membros das igrejas. O desenvolvimento da idéia de uma moral mais alta deu lugar à crença de que o clero deveria celibatário. Isto veio a se constituir lei na Igreja ocidental no 4º. século. Nas igrejas maiores começaram aparecer clérigos oficiais de graduação inferior, tais como sub-diáconos e eleitores. No ano 251 a Igreja Roma, a maior das igrejas, tinha para mais de 150 clérigos de varias categorias.

A idéia de que o ministério cristã é um sacerdote, isto é, que ele permanece entre o homem e Deus, começou a prevalecer no 3º. século. Tal idéia correu paralela com a crença de que a Ceia do Senhor é um sacrifício oferecido a Deus em favor do povo. Naturalmente, a idéia do sacerdócio ligava-se especialmente à pessoa do bispo. O ofício de bispo era então muito elevado. Atribui-se lhe autoridade divina que o capacitava a mais poder divino para declarar os pecados perdoados. Vimos que em algumas igrejas teve lugar uma centralização de poder pela qual um dirigente tornou-se o único cabeça da igreja local. A este, segue-se outro passo na centralização. No 2º. século o bispo era o pastor de uma igreja numa cidade.

À proporção que crescia o número de crentes outros grupos se formavam na mesma cidade e nas adjacências. Todos esses grupos ficavam sob o governo do bispo da igreja – mãe (= matriz).

Cada uma das outras igrejas era dirigida por um presbítero, e o bispo exercia superintendência sobre todo o distrito ou diocese.

Não tinha ainda surgido no 2º. século nenhum governo geral, organizado, da Igreja. Havia sínodos ou reuniões de bispos para tratarem das necessidades particulares.

Neste século, desenvolveram-se duas idéias de unidade. Uma, foi que a unidade repousava na concordância com os pontos de vista da parte dos bispos. A outra, foi que a unidade consistia na aceitação da autoridade de um bispo, o bispo de Roma. Sendo a igreja da capital do império a maior e mais rica de todas as igrejas, naturalmente crescendo em poder e influência.

A partir do 2º. século, os Bispos de Roma começaram a reivindicar no ocidente, não porém, no oriente.

#### **Questionário:**

1. Quais foram às causas internas do declínio do Império Romano?
2. Quais as relações dos germanos para o Império Romano, nesta época?

3. Descreva a expansão geográficas do Cristianismo de 110 a 313 d.C.
4. Descreva sua Expansão na sociedade.
5. Por que meios conseguiu o Cristianismo esse crescimento.
6. Qual s causa principal da perseguição imperial ao Cristianismo?
7. Descreva a política geral do governo com relação aos cristãos.
8. Descreva as perseguições do 3º. e 4º. século.
9. Como terminou a perseguição.
10. Qual o caráter dos cristãos, geralmente falando, durante essa época?
11. Explique o que foi o ascentismo e o legalismo.
12. Descreva o culto dominical neste período.
13. Quando foi adotado o Credo dos Apóstolos e por quê?
14. Qual o padrão de governo eclesiástico local que prevaleceu no 2º. século.
15. O que era a Igreja Católica do 2º século?
16. Qual a idéia do sacerdócio ministerial?
17. Descreva como apareceu o bispo diocesano.

## **CAPÍTULO IV**

### **A Igreja Antiga**

#### **2º. Parte (313-590 d.C.)**

O quarto e o quinto séculos viram a continuação do declínio do império romano e, finalmente, a sua queda no ocidente. Constantino governou o império a partir de 323, com energia e sabedoria. Transferiu a capital para a sua nova e belíssima cidade de Constantinopla (=Istambul). Depois dele, verificou-se novamente a divisão de autoridade até Teodósio, o qual, já governando no oriente, obteve o poder total que manteve de 392 a 395. Foi ele o último a manter o domínio de todo o mundo romano. Depois dele, houve duas linhas de imperadores, os do oriente e os do ocidente, com as capitais em Constantinopla e Roma.

Durante todo esse tempo o império vinha se esfalecendo internamente enquanto se acentuavam os ataques externos dos bárbaros. Em 373, verificou-se em Adrianópolis uma das mais decisivas batalhas do mundo, em que os visigodos, que habitavam o baixo Danúbio derrotaram os romanos sob o comando de Valêncio, e mataram este imperador.

Depois desses eventos, os visigodos, sob as ordens de Alarico, procederam ao saque de Roma, em 410. Seguiram-se varias outras conquistas de varias tribos germânicas, que arrebataram uma boa parte do império. Os visigodos tribos germânicas, que arrebataram uma boa parte do império . Os visigodos estabeleceram um reino na Espanha e outro no sudeste da França e oeste da Alemanha; os borgúndios se espalharam pelo sudeste da França; os francos dominaram o norte da França; os anglos e saxões se apossaram da Inglaterra. No oeste, somente a Itália permaneceu sob a autoridade Imperial. Esta foi apenas uma sombra, pois por muitos anos os verdadeiros governantes e dominadores tinham sido líderes do exército germânico, Odoacro, destronou Rômulo Augusto, o último imperador romano do ocidente, e ocupou o governo.

Muito antes disso várias partes do império ocidental já se encontrava em anarquia, que se prolongou muito depois do século 6º. As tribos germânicas que se apoderaram de partes do império começaram a guerrear entre si. Não surgiu nenhum governo forte semelhante ao de Roma, e o ocidente europeu caiu na miséria e no caos.

No oriente, os imperadores mantiveram seu poder em Constantinopla; não obstante, sofreram ataques externos e enfraquecimento interno.

Muitos deles governaram efetivamente os seus domínios no oriente europeu, ocidente da Ásia e nordeste da África. Um deles Justiniano (527-556), foi um dos maiores imperadores romanos. Retomou muito do antigo território que o império controlava no Mediterrâneo, e no seu governo a civilização se desenvolveu substancialmente. Depois dele, embora o império ainda permanecesse, não foi, todavia, tão próspero. Não obstante haver portanto tempo dos imperadores, o império não era considerado dividido; era-o somente o seu governo. Os povos o consideravam um único império romano e ambos os governos como imperadores romanos. Depois da queda do ocidente, os monarcas de Constantinopla pretendiam ser os únicos governantes do império romano.

## **II. A IGREJA**

### **(a) A Extensão da Igreja**

#### **1. Nos Territórios Romanos**

Antes de Constantino, o Cristianismo vivia em conflito com o mundo; com ele, o Cristianismo passou a domina-lo. Não são muitas as razões, nem claras, para essa mudança de situação. Sem dúvida, Constantino sentiu que o Cristianismo não podia ser destruído, pois se fortificava cada vez mais. Isso, talvez, o convenceu de que o Deus dos cristãos era bastante forte, e o fez desejar as orações dos cristãos a fim de alcançar bênçãos para o seu governo. Sem dúvida, percebeu também que, se o Cristianismo fosse ajudado e se tornasse bastante forte, seria um poderoso elemento para a unificação de todos os povos de império . Sem dúvida, teve simpatia pessoal pelo Cristianismo, mas nunca demonstrou em sua conduta qualquer influência da moral cristã.

Constantino revolucionou a posição do Cristianismo em todos os aspectos. Primeiramente, como já foi dito, ele e Licínio, em 313, estabeleceram completa liberdade religiosa que proporcionou igualdade de direitos a todas as religiões.

Depois mostrou-se favorável ao Cristianismo, fazendo ofertas valiosas para a construção de igrejas, manutenção do clero e isentando-o dos impostos.

Juntou as águias dos seus estandartes ao lábaro, o símbolo de Cristo. Afinal, entrou ativamente nos assuntos da Igreja, tentando dirimir disputas doutrinárias. Por todo esse tempo não foi cristão professo, pois não recebeu religião oficial do império. A antiga religião do Estado foi mantida, e Constantino continuou como seu pontífice maximus ou sumo sacerdote.

Mas seu interesse e auxílio deram ao Cristianismo uma posição de indiscutível prestígio.

A nova situação da Igreja no mundo trouxe-lhe rápido desenvolvimento que, por um lado, foi bem para ela, e, por outro, um grande mal. Livre de perseguição, disciplina e purificada pelas provações por que passou, desenvolveu poderosamente a sua obra, tanto nos antigos como nos novos campos de trabalho. Dentro do império, muitos da antiga população não eram cristãos, e inúmeros pagãos bárbaros vieram se estabelecer no império. Muitos bispos cristãos pregavam aos descrentes em suas dioceses e encorajavam o trabalho missionário em toda parte.

Na França central, no 4<sup>o</sup>. século, Martinho, bispo de Tours, homem dotado de grande eloquência e caridade extraordinária, fortaleceu grandemente o Cristianismo, por seu incansável labor, auxiliado por discípulos preparados nos mosteiros que ele mesmo fundara. Ao mesmo tempo, Ulfilas realizava uma extraordinária obra missionária entre os godos, nas regiões do Baixo Danúbio. Traduziu grande parte da Bíblia para a língua desses povos, preparando antes um alfabeto apropriado. Principalmente por causa desse trabalho, os visigodos, quando capturaram Roma em 410, já eram cristãos. As obras de filantropia da Igreja, seus hospitais, hospícios para os estrangeiros, orfanatos, auxílio às viúvas e aos pobres, atraíram muita gente, embora muitos não fossem realmente convertidos. Naquela sociedade que se desintegrava, no 4<sup>o</sup> e no 5<sup>o</sup> século, a Igreja era o único refúgio e esperança dos pobres. Em parte, por motivo desses esforços da Igreja, o Cristianismo espalhou-se rapidamente nesses séculos, nas partes do império onde a religião ainda não se tinha formado, especialmente na Grécia, alto Egito, norte da Itália, Espanha, França e nas terras ao longo do Reno e do Danúbio. Na Britânia, onde o Cristianismo já tinha penetrado desde antes do ano 300, surgiu, no 4<sup>o</sup>. século, uma igreja vigorosa.

Além dos esforços da igreja, o poder oficial contribuiu para o número de cristãos se dilatar. Este benefício foi, porém, duvidoso. Logo que Constantino se constituiu patrono do Cristianismo, este tornou-se uma religião cheia de heresias e de inovações. Os sucessores desse imperador seguiram seu exemplo, e com mais ênfase. Eles sustentavam o Cristianismo, interferiram e exerciam autoridade nos negócios da igreja. Desse modo o Cristianismo, embora não fosse de forma nominal, veio a ser praticamente a religião oficial do império. Isto resultou na entrada de muita gente para a igreja somente por ser a religião apoiada pelo governo. Esta posição do Cristianismo sofreu um colapso no governo de Juliano (361-363), que tentou muito esforço inútil, restaurar o paganismo.

Diz a história que, ao aproximar-se da morte e vendo sua luta perdida, disse: “Venceste, Galileu!” Poucos anos depois (380), Teodósio, imperador cristão do oriente, baixou um decreto pelo qual todos os súditos do império cristão do oriente, deveriam aceitar a fé cristã como estabelecida pelo Concílio de Nicéia. Continuou com essa política até que se tornou governador do mundo romano, em 392. Assim o Cristianismo veio a ser uma parte da lei imperial. Esse ato deu, naturalmente, o golpe de morte no paganismo dentro do império. Muitos templos pagãos e ídolos foram destruídos, e pelo ano 400 o culto pagão avia desaparecido. Isto parecia uma vitória extraordinária, pois a religião que avia um século tinha sido perseguida tenazmente, tornava-se a religião oficial do império. Na realidade, tal situação não constituía uma vitória, pois o novo estado de coisa veio aprovar que nas igrejas haviam multidões que nada o conheciam do Cristianismo, nem o possuíam .

## 2. Fora dos Territórios Romanos

O Cristianismo estendeu-se extraordinariamente muito além das fronteiras do império romano. Na mesopotâmia havia muitos cristãos do credo Nestoriano, de que trataremos mais adiante. Provavelmente, a própria Índia foi alcançada pelas alturas do ano 500. Na Etiópia o Evangelho entrara antes de 350. No século seguinte alcançou a Irlanda, o limite mais ocidental do mundo de então. Ali o notável pioneiro Patrício, embora outros cristãos tivesse estado ali antes dele. Nascido na Britânia, de pais cristãos, foi, na infância, capturado pelos piratas irlandeses e levado como escravo para a Irlanda. Conseguiu fugir para a França, vivendo certo tempo num mosteiro e voltando a Britânia.

Mas vivia dominado pelo desejo de evangelizar os irlandeses que tinham sede de Cristo. “Parecia ouvir a voz dos habitantes da floresta Fochlad, chamado-me a ir ter com eles.” Mais tarde, depois de alguns anos de estudo na França, foi a Irlanda, em 433. Ali, por trinta anos, foi um missionário de singular devoção, de vida profundamente cristã, e pôde lançar naquela terra duradouros alicerces cristãos.

Enquanto isto, no sudeste da Escócia, Niniam um notável missionário, fazia um grande trabalho. Os fundamentos desse trabalho, porém, foram lançados por Columba que, logo depois do ano 550, conduziu uma companhia de monges irlandeses para uma pequena ilha, na costa oriental da Escócia.

Do mosteiro ali estabelecido, Columba e seus companheiros partiram para seu trabalho missionário que se espalhou largamente pela Inglaterra e Escócia, estendendo-se depois ao continente: França, sul da Alemanha e Suíça. Nenhuma narrativa da história cristã primitiva tem mais brilho do que a história do trabalho desses monges irlandeses e escoceses. Seu ensino tinha um simplicidade apostólica raramente encontrada em outra parte, e suas vidas eram de uma pureza e consagração extraordinária. Isto contrasta chocantemente com um trabalho de missionário que encontramos no 5º século, trabalho de cristianização superficial de um povo. Clóvis, rei dos Francos, tinha uma esposa cristã que de há muito tentava convertê-lo. Achando-se ele em apertos numa batalha, fez o voto de tornar-se cristão, caso Cristo o auxiliasse a conseguir a vitória . Alcançando-a, declarou-se cristão e obrigou o seu povo a aceitar o Cristianismo. No natal de 496, ele e três mil dos seus guerreiros foram batizados. Foi assim que as mais poderosas tribos germânicas tornaram-se nominalmente cristãs. A história posterior de Clóvis e dos francos prova que esse cristianismo era realmente superficial.

## **b) A Vida na Igreja**

A nova posição da Igreja, aliada ao século, de modo algum foi benéfica à sua vida. A entrada de multidões nas igrejas impediam-na de manter aquela vigilância a aquele escrúpulo necessário ao preparo e exame cuidadosos nos candidatos, como sempre o fizera. A maioria dos que entravam para a Igreja era realmente pagã, gente de vida reprovável. Era natural que aparecesse uma queda no nível moral do caráter cristão.

Para enfrentar esta situação, a Igreja desenvolveu sua disciplina, isto é, seu método de tratar as ofensas contra a moral, etc. No entanto, as pessoas só eram instruídas quanto aos deveres da vida cristã, depois de entrarem na Igreja, em vez de serem antes. Para certos atos julgados imorais, havia penas severas; para ofensas menores, havia penitência, tais como: confissões públicas, jejuns e orações; para as faltas mais graves, havia a excomunhão.

Por esse tempo, muitíssimos cristãos sinceros tornaram-se ansiosos por uma vida mais elevada, mais piedosa do que a que existia ao redor deles. Foi por isso que surgiu uma forma de vida que estava destinada a se tornar uma das poderosas forças na história da cristandade – o monarquismo.

O que levou o homem a se tornar monges foi o desejo da salvação. Sob dois aspectos, a vida do claustro parecia um meio mais seguro de salvação do que a vida comum dos demais homens.

Era uma vida separada do mundo, portanto, pensava-se, livre dos embaraços que a vida cristã encontrava na sociedade. Nos primeiros séculos, os cristãos viviam numa sociedade pagã cheia de tentações. Depois que a sociedade tornou-se nominalmente cristã, continuou por muito tempo praticamente pagã. Além disso, a Europa esteve por muitos séculos, os cristãos viviam em uma sociedade pagã cheia de tentações.

Depois que a sociedade tornou-se nominalmente cristã, continuou por muito tempo praticamente pagã. Além disso, a Europa esteve por muitos séculos em guerra constante. Na Igreja mesmo havia muita maldade. Os que desejavam fortemente uma vida cristã mais profunda começaram a pensar que o único meio para alcançá-la seria fugir da vida comum da sociedade.

Em segundo lugar, a vida monástica oferecia uma oportunidade de se alcançar à santidade pela completa negação dos desejos. Tudo girava em torno do pensamento que o mal estava na matéria, inclusive o próprio corpo. Portanto acreditava-se que se podia obter a santidade libertando, até onde possível, o espírito do corpo. É isto se conseguia, negando se ao corpo o que este desejasse. Uma forma muito apreciada de negação pessoal era a da completa pobreza. Chegou-se, assim, a pensar que a verdadeira vida religiosa, tanto para os homens como para as mulheres, seria renunciar a todos os bens, viver em pobres alojamentos, vestir-se sem conforto, alimentar-se muito pouco, dormir pouco, flagelar-se em penitência, viver em celibato.

Desde o segundo século havia no oriente, especialmente no Egito, milhares de monges ermitões, morando em lugares desertos e vivendo em extrema pobreza.

Eram considerados, pela maioria, como homens peculiarmente santos.

No 4º. século, a idéia monástica chegou ao ocidente, porém a vida monástica tomou uma forma diferente da do oriente. O monge típico do oriente era um solitário; no ocidente ele era membro de uma sociedade e entravam em comunidades favoráveis a vida cristã, governados por uma rígida disciplina.

Na parte oriental da igreja, a vida monástica era social, uma vida de irmandade, de fraternidade cristã em que todos os bens eram comuns e quase todas as coisas eram feitas em comum.

No 4º. século, a famosa regra de beneditina foi organizada por Bento de Núrsia, na Itália. Em pouco tempo, em todo o ocidente, ela tornou-se praticamente a lei geral da vida monástica. Bento verificou que a vida dos monges precisava de direção e pureza, e tentou alcançar esses elementos por meio da sua regra ou sistema monástico. Nela, o voto feito pelo monge era por toda a vida, de modo que a pessoa morria pelo mundo. Requeria-se o abandono de todas as propriedades. Eram prescritas as virtudes que deveriam cultivar: Abstinência, obediência aos superiores, silêncio, humildade, etc. Os deveres eram também prescritos detalhadamente, dividindo-se o tempo entre o culto, os trabalhos manuais em casa, trabalhos nos campos e estudos. A reforma produzida pelas regras disciplinares deu grande popularidade à vida monástica, ensejando o aparecimento de muitos novos mosteiros que se enchiam, tão prontas estivessem as novas edificações. O monarquismo estava pronto para realizar a sua grande obra no início da idade média.

### **(c) A Crença da Igreja**

O 4º. e o 5º. séculos foram o principal período da história da igreja no que respeita a manifestação da sua crença. Foi nesta época que surgiram os credos ainda hoje aceitos pelos cristãos e todo o mundo. No período precedente, como vimos, Jesus Cristo era o assunto fundamental do pensamento da igreja. A discussão quanto à natureza do Cristo crescia cada vez mais; especialmente no oriente, onde a influência grega produziu um profundo interesse em questões de doutrina. No começo do século 4º., Ário, presbítero de Alexandria, ensinou que Cristo nem era homem nem Deus, mas um ser intermediário entre a divindade e a humanidade. Tal ponto de vista espalhou-se rapidamente no oriente. A disputa sobre este assunto dividiu a igreja e causou mesmo perturbação da ordem pública. A fim de pacificar os ânimos, Constantino convocou o Primeiro Concílio geral da igreja, em Nicéia, na Ásia menor, em 325. Ali Atanásio teve uma grande vitória. Ele foi o principal oponente de Ário e seu partido. O concílio afirmou a divindade de Cristo, pela qual lutou Atanásio, e foi declarado que Cristo “era da mesma substância que o pai”. Foi grande a influência do imperador na decisão. Ao mesmo tempo ela correspondia com o pensamento de quase todos os bispos. Durante a intensa disputa teológica no concílio, verificou-se que a maioria dos bispos não era composta de teólogos, mas de pastores; e o que influenciou foi o apelo feito por Atanásio à fé, à convicção deles – o resultado da sua experiência cristã.

Eles criam que o Cristo, a quem conheciam como constituiu a maior parte do chamado credo niceno, o qual foi confirmado pelo de Calcedônia, no século seguinte. O ensino deste credo tem sido aceito desde então por toda a igreja cristã.

A questão da divindade de Cristo, tem sido vitoriosa, a discussão votou-se para o assunto da relação entre sua natureza divina e humana. Foram tremendas as divergências de opinião que chegaram a provocar divisões na igreja. O quarto concílio geral de Calcedônia, 451, apresentou o pronunciamento final da igreja sobre este assunto, declarado que em Cristo as duas naturezas – divina e humana – existiam em plena integridade.

As grandes verdades que são vitais à fé cristã, como as da encarnação e da trindade, foram examinadas e expressas pela igreja e nessa “Era dos Concílios”. Tais decisões tem sido aceitas desde então pela cristandade. Ao lado desta vitória surgiu um prejuízo, em virtude das tendências de se pensar que a coisa mais importante no Cristianismo era defender e guardar as definições corretas da verdade cristã. A prova de fé cristã de uma pessoa não era tanto a sua lealdade a Cristo, em espírito e pelo comportamento moral, se não a sua aquiescência ao que a igreja declarava ser a doutrina correta, isto é, a sua ortodoxia. Quem não fosse considerado ortodoxo era expulso como herege, embora sua vida fosse um testemunho contínuo de lealdade de Cristo.

Dois grandes homens que influenciaram o pensamento de toda a vida da igreja foram Jerônimo e Agostinho. Jerônimo nasceu em 340, na Panônia, nas proximidades da atual Viena. Converteu-se ao Cristianismo com mais ou menos 25 anos de idade, quando era estudante em Roma.

Depois de viver algum tempo em companhia de alguns amigos, dedicou-se aos estudos das escrituras à prática monástica, indo passar vários anos, feito monge, num deserto perto da Antioquia. Ali passou muitas dificuldades, mas sempre estudando. Indo para Roma, continuou os seus estudos. Em razão do seu grande amor ao Cristianismo, poder intelectual e extraordinário raciocínio, exerceu grande influência nas aristocracias romana, particularmente em algumas mulheres da nobreza. Em 385, o entusiasmo pela vida monástica o levou a viver numa cela de certo mosteiro em Belém. Ali viveu até sua morte em 420, estudando e escrevendo. A principal de suas obras foi a tradução que fez da Bíblia. O velho testamento foi pela primeira vez vertido para o latim, diretamente do hebraico, e a então existente tradução latina do novo testamento foi cuidadosamente revista. Desse modo, Jerônimo deu ao mundo uma das versões das Escrituras mais largamente usadas, que foi depois conhecida como a Vulgata, a Bíblia da idade média.

Revista depois, ainda hoje é aceita pela igreja Católica como texto autorizado das Escrituras. Em adição a este trabalho, Jerônimo escreveu comentários, tratados de teologia, livros em defesa da vida monástica e inúmeras cartas.

Agostinho escreveu sua vida de jovem no seu maravilhoso livro titulado “Confissões”. Nasceu na África em 354. Sua mãe foi uma mulher de vida cristã muito profunda. Ele, porém, não seguiu o exemplo da mocidade. Aos trinta anos era um mestre brilhante de retórica e oratória em Cartago. Não obstante ter meditado em bastantes assuntos religiosos, era, praticamente, irreligioso, e sua vida era inútil e vergonhosa, segundo os padrões morais existentes. Da África foi para a Itália para ensinar, e daí para Milão.

Nesta cidade, a pregação de Ambrósio, o nobre bispo, abalou-o profundamente. Começou a estudar o cristianismo, e quase se tornou persuadido.

Mas ainda não estava pronto para seguir inteiramente a Cristo.

Um dia, seu amigo cristão falou-lhe sobre Antônio, o famoso monge e egípcio, e como dois seus amigos tinha, se convertido pelo estudo da vida do mesmo. Noutra ocasião, estranhamente abalado, correu para o jardim de sua casa, ouvindo ali uma criança do vizinho dizer-lhe “Tolle, Leger” (=toma e lê). Tomou um volume das epistolas de Paulo, e ,ao abri-lo, seus olhos encontraram romanos 13:13,14. Isto o fez decidir-se por Cristo, e entre 387 foi recebido à igreja. Entre Paulo e Lutero, o cristianismo teve em Agostinho o maior de seus mestres, cuja influência aparece em ambas às partes da Cristandade: No protestantismo e no Catolicismo.

Oito anos após sua conversão, Agostinho tornou-se bispo de hipona, uma das mais importantes cidades Africanas. . Ali passou trinta e cinco anos devotados ao seu povo e escrevendo livros sobre vários aspectos da verdade cristã. Teve sérias dificuldades com os donatistas, grande corpo de cristãos que estavam separados da Igreja Católica, e que possuía igreja própria. A separação realizara-se muitos anos atrás, porque os donatistas pensavam que a Igreja fora excessivamente tolerantes para com os que negavam a fé nos tempos de perseguição, e que, por isso, tinha perdido o caráter da verdadeira Igreja. Pela sua argumentação a influência pessoal, Agostinho ganhou muitos deles. Infelizmente, a insensatez e a violência de outros o levaram a sancionar o uso da força imperial para compelir os donatistas deu origem a sua influência doutrina sobre a Igreja, doutrina que foi fundamentalmente importante para a Igreja Católica, tanto na Idade Média como na atual.

#### **(d) O culto na Igreja**

A liberdade que o cristianismo desfrutava e o desenvolvimento de suas riquezas deram origem a importantes formas de culto seguiram certas linhas já pré-estabelecidas. Surgiram muitas liturgias e formas de oração. O elemento musical do culto tornou-se mais notável. Foram introduzidos coros na Igreja, cânticos e antífonas. A parecem nesse tempo muitos hinos, entre os quais, no 4º. século, o Te Deum. Os tempos tornaram-se maiores e cheios de decorações. Desenvolveu-se a arquitetura, as paredes e as colunas das igrejas combinaram-se de pinturas, mosaicos e desenhos. Os cultos tornaram-se mais solenes e impressionantes. Agostinho narra como ficou impressionado na magnífica Igreja de Ambrósio, em Milão, com a música solene, com o ritual, com a reverência das multidões, e com a notável pregação do bispo.

A celebração da Eucaristia tornou-se uma cerimônia importante, conformas fixas, com muitas atenções dispensadas aos detalhes, tornando enfáticas a idéia de que o sacramento era um sacrifício oferecido pelo sacerdote a favor do povo, sacrifício eficaz para salvação.

Não obstante este fato tornar a pregação menos importante, colocando-a em planos secundários, houve nessa época grandes pregadores, entre os quais Ambrósio, que teve a coragem de proibir o imperador Teodósio de entrar na Igreja até que se arrependesse do massacre dos Tessalonicense; e João de Constantinopla, cuja eloquência lhe granjeou o título de Crisóstomo ou “boca de ouro”.

O Paganismo afetou o culto cristão nesse século, porque a igreja viveu no meio desse paganismo até 400 d.C., e também porque, depois de Constantino muitíssimos pagãos entraram a igreja, sem conversão.

O culto dos santos é um exemplo frisante dessa tendência.

Era natural que se tributasse veneração aos mártires e a outros homens e a mulheres, famosos por sua santidade. Para essa gente que estava acostumada aos deuses das suas cidades e aos seus lugares sagrados, e que não estava bastante cristianizada, a veneração dos santos transformou-se rapidamente em adoração. Os santos passarão a ser considerados como pequenas divindades cuja intercessão era valiosa diante de Deus. Os lugares onde nasceram e viveram passarão a ser considerados santos. Surgiram as peregrinações. Começaram a venerar relíquias, partes de corpos e objetos que pertenceram aos santos e a tributar a esses objetos poderes miraculosos.

Tudo isso foi fácil para aqueles que ainda persistiam nas superstições do paganismo. A idéia do culto dos santos foi mais acentuada no caso da Virgem Maria. Ao fim deste período, já o culto da Virgem estava vitorioso.

### **(e) A Organização da Igreja**

#### **(CONCÍLIOS GERAIS)**

##### **1. Como a Igreja se tornou Católica.**

Neste período apareceu um governo geral da Igreja Católica nos concílios gerais ou ecumênicos. A autoridade desses concílios era exercida pela publicação dos credos que decidiam quanto à doutrina provado pela Igreja Católica. Tais concílios eram, em teoria, compostos de todos os bispos, embora nem todos estivessem presentes aos concílios do 4º e 5º séculos. O engrandecimento do ofício do bispo tinha ido tão longe que se considerada a Igreja constituída somente deles; a Igreja era o bispo e aqueles em comunhão com ele. Quando se reuniam todos bispos, julgavam-se que um concílio de bispos tinham a direção do Espírito Santo prometido à Igreja.

##### **Poder do Bispo.**

Temos visto na Igreja Católica um processo de centralização de autoridade com o aparecimento do bispo com caráter monárquico, isto é, do bispo que a principio é dirigente de uma Igreja e depois aparece como governador de uma diocese. Por essa época a idéia de diocese tomou grande desenvolvimento, tornando cada vez maior o poder dos bispos. Mais adiante, os bispos metropolitanos, e cada um exercia superintendência sobre os demais bispos e suas diocese. Com um passo mais adiante na centralização, cinco bispo se levantaram acima dos demais, e foram considerados patriarcas, e que eram: o bispo de Roma. O de Constantinopla, o de Alexandria, o de Antioquia e de Jerusalém.

Pelo ano 400 já se verifica o completo desenvolvimento da Igreja Católica, com sua organização e hierárquica completa, o clero exercendo demasiado domínio espiritual sobre o povo, os concílios criando leis eclesiásticas, o culto impressionante e cheios de mistério, seus dogmas autoritários e a condenação, como hereges, dos cristãos que não concordavam ou não se conformam com eles. Além disso, foi aceita a doutrina de Agostinho a respeito da Igreja Católica. Ele cria que os primeiros bispos da Igreja foram escolhidos pelos apóstolos.

Estes receberam de Jesus os dons do Espírito Santo para cuidarem da Igreja e legaram esses dons aos seus sucessores, os primeiros bispos, que receberam seus encargos numa sucessão regular, possuindo, todos eles, desde o primeiro, a plenitude desses dons do Espírito. Por essa razão somente eles preservaram a fé pura e original e que conduz à salvação. Mais ainda:unicamente eles foram os guardas do verdadeiro sacramento, por meio dos quais vêm os homens à divina graça salvadora. Agostinho ensinava que a verdadeira Igreja se caracterizava por seus bispos possuírem a legítima sucessão apostólica. Somente na Igreja Católica, a Igreja desses bispos, havia salvação.

## **2. Engrandecimento do Bispo de Roma**

Ainda um novo passo foi dado para a centralização do governo da Igreja. Entre os cinco patriarcas, os dois mais importantes eram: o de Roma e o de Constantinopla, as duas principais cidades do Império.

Muitas foram às causas que contribuíram para o engrandecimento do bispo da antiga capital do mundo. A principal é que ele era o bispo da antiga capital do mundo inteiro. Inevitavelmente, seu bispo dispunha de um poder que nenhum outro poderia conseguir. Outra causa foi o costume mais e mais acentuado de se apelar para o bispo de Roma nas disputas eclesiásticas. Tal hábito não deixava deter seu apoio na influência e prestígio com os imperadores cercavam esses bispos. A partir do século 5º, a conhecida pretensão petrina, ou papal, veio a ser geralmente aceita. Essa pretensão é baseada na suposta autoridade que Cristo deu a Pedro sobre os demais apóstolos, e que Pedro foi o primeiro bispo. A geral aceitação dessa doutrina criou condições tais no mundo, como se a mesma fosse verdadeira. Além de tudo, os bispos romanos de prosseguirem numa política persistente de manter toda a autoridade que pudessem alcançar, aproveitando cada oportunidade por exercerem, em toda a plenitude, a autoridade e o poder de que dispunham. Um exemplo notável desse proceder foi o de Leão I (440-461), chamado por muitos “o primeiro papa”. Ele sustentou e defendeu a sua autoridade nos termos mais fortes, exerceu o direito de impor as suas ordens aos bispos de toda parte. Não obstante suas ordens aos bispos serem posteriormente negadas pelos bispos de Constantinopla e encontrarem forte resistência no ocidente, sua agressividade fez aumentar ainda mais o poder do ofício.

## **3. As Igrejas Que se Separam da Católica**

Neste período algumas Igrejas se separaram da Igreja Católica por causa de questões teológicas, e outras causas políticas e raciais. No 5º. século, Nestório, Patriarca de Constantinopla, foi condenado pela Igreja e banido pelo Imperador sob a acusação de heresias quanto à pessoa de Cristo. Suas idéias foram aceitas por muitos cristãos da cidade Síria de Odessa. Os “nestorianos” eram, sem dúvida, crentes em Cristo. Diferiam da Igreja Católica unicamente por explicarem a divindade de Cristo. Diferiam da Igreja Católica unicamente por explicarem a divindade de Cristo de um modo que não era considerado ortodoxo. Banidos de ódio e acusados de heresias pelo Imperador, foram para a Pérsia. Ali fortaleceram grandemente o Cristianismo.

Foi organizada uma Igreja independente, chefiada por arcebispo que, em 498, tomou o título de Patriarca do Oriente.

Os nestorianos eram cheios de zelo missionário. Onde quer que fossem, quer a negócios, quer a procura de refugio, levavam o Evangelho, razão por que a Igreja deles cresceu rapidamente na Ásia.

Por causa das discussões sobre a natureza de Cristo, surgiu outro partido que defendia opiniões não ortodoxas sobre esse assunto. Foi o partido religioso dos Monofisistas, cujo membros ensinavam que em Cristo só havia uma natureza, em vez de duas, a divina e a humana, como afirmava o credo da Calcedônia. Surgiram três Igrejas desse partido: a Igreja da Armênia, que teve início no 3º. século, recusava-se a aceitar os credos de Calcedônia; separou-se e continuou assim até aos tempos atuais. A Igreja Jacobita, que apareceu no 4º. século, na Ásia Menor, Síria e Mesopotâmia. Nestes dois últimos lugares ainda existe, mas muito enfraquecido. A Igreja Copta, compreendendo quase todos os cristãos não gregos do Egito. Esta foi condenada pela Igreja Católica como herética e permanece separada.

**Fim.**

### **Questionário**

1. Fale sobre a queda do Império no Ocidente.
2. Qual a situação do Império Romano no Oriente?
3. Descreva a atitude da Igreja na sua fase de liberdade.
4. Descreva atitude da Igreja na sua fase de liberdade.
5. Como o favor oficial afetou o crescimento da Igreja?
6. Que decretou Teodósio com relação ao Cristianismo?
7. Fale sobre o trabalho de Patrício e Columba.
8. Como o favor do governo afetou o caráter moral da Igreja?
9. Quais as causas do aparecimento da vida monástica?
10. Fale sobre a regra beneditina.
11. Qual a decisão doutrinaria do Concílio de Nicéia, concernente a Cristo?
12. Qual a decisão doutrinaria estabelecida na Calcedônia?
13. Descreva a vida e a obra de Jerônimo.
14. Fale sobre a obra e a influência de Agostinho.
15. Descreva a natureza do culto nesse período.

16. Como surgiu o culto dos santos?
17. Faça um esboço do desenvolvimento da Igreja Católica.
18. Qual a doutrina de Agostinho com relação á Igreja?
19. Como e por que o Bispo de Roma engrandeceu o seu próprio poder?
20. Que igrejas se separaram da Católica?

### **BIBLIOGRAFIA**

#### **\*HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ**

(Professor de História Eclesiástica do Auburn Theological Seminary do Union Theological Seminary, U.S.A)

#### **APONTAMENTOS:**

Pr. Rubens da Costa Carreira

Coordenador Geral do I.T.B. – Instituto Teológico Betel do ABCD

2º. Vice-presidente na Igreja Evangélica Assembléia de Deus  
em Utinga Santo André – S. Paulo.

#### **AGRADECIMENTOS:**

#### **A DEUS**

Ao Pr. Dr. José Domingos Bittencourt

Presidente do I.T.B. – Instituto Teológico Betel do ABCD

Presidente da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Utinga

Deputado Estadual

Santo André, novembro/99

Rubens da Costa Carreira

PASTOR



